

LANCE

5
de
Outubro
de
2007



A semana
online

Falando a sua língua



PORTUGUÊS



FRANÇÊS



INGLÊS

Para a notícia certa click
www.asemana.cv

Suplemento Desportivo do Jornal A Semana

Formação de árbitros condiciona época desportiva na Brava

pág. 8



“Mesmo doente, não consigo largar a bola”

ARMANDIM SOARES, um atleta polivalente

págs. 2-4

Cabo-verdianos defrontam-se num Boston vs Brockton

A comunidade cabo-verdiana nos EUA vai realizar um torneio de futebol entre os imigrantes de Boston e Brockton em homenagem ao Ildo Brando Correia - antigo praticante de futebol e membro da equipa Tabanka de Boston. A partida acontece este domingo, 7.

O primeiro encontro da tarde é entre as equipas femininas Kriola FC de Brockton e Boston United, seguido por um jogo entre os "Over 30" Cambridge City vs Seka Pele. O último derbi é entre as selecções de Brockton e Boston, que fecham o evento, no Rotch Field Boston.



Avançado do Étoile Sahel da Tunísia é cabo-verdiano

O avançado cabo-verdiano, natural do Fogo, Gilson Alves, jogou os 90 minutos da partida disputada no último sábado, que opôs o seu clube, Étoile Sahel da Tunísia, e o Al Hilal do Sudão, pela Liga dos Campeões Africanos, mas não conseguiu impedir a derrota por 2-1. O primeiro golo deste jogo, que aconteceu em casa do Al Hilal, foi marcado por Fedhi aos 38mn para os tunisinos. O Al Hilal virou o placar com golos de Godwin (62mn) e Kelechi (66mn). O avançado cabo-verdiano ficou em branco. Na outra partida disputada no sábado para a Liga dos Campeões Africanos, o Al-Ahly, equipa treinada pelo técnico português Manuel José, empatou no reduto dos líbios do Al-Ittihad por 0-0, na primeira mão das meias-finais. **"Queríamos ter feito golos na Líbia, mas o Al-Ittihad mostrou que tem uma equipa boa, bem organizada e com jogadores de qualidade. 0-0 foi um bom resultado, mas não significa que tenhamos lugar assegurado na final. Eles vão jogar agora no Cairo, sem nada a perder"**, disse o técnico à Lusa.

CP

"Mesmo doente, não"



ARMANDIM SOARES,
um atleta polivalente

Nascido para o futebol, Armando Soares foi um avançado de destaque do Amarante e da selecção de Cabo Verde. Formado em educação física, Armandim deixou também a sua marca no andebol e basquetebol mindelenses. Embora atingido por três hérnias discais, Armandim não consegue largar a bola.

JEFF XAVIER: Um reforço necessário

A selecção cabo-verdiana de basquetebol sénior masculino poderá vir a contar durante a campanha de qualificação para os Jogos Olímpicos de Pequim 2008 com um reforço chamado Jeff Xavier, que actualmente joga pelo Providence Friars, dos Estados Unidos da América.

Filho dos cabo-verdianos Alice e Pedro Xavier, Jeff Xavier, 22 anos, é natural de Pawtucket (Rhode Island). Com 1,82 m e 81 kg, este cabo-americano estudou na St Raphael Academy, em

cuja equipa enquanto júnior e sénior atingiu médias de 28 e 26 pontos, respectivamente, jogando na posição de poste.

Actualmente joga pelo Providence Friars, clube cujo treinador é um admirador das qualidades de Jeff Xavier. Tim Welsh disse à imprensa americana que ficou impressionado com a **"habilidade e competitividade de Jeff. Nos últimos dois anos demonstrou que consegue competir a alto nível"**. E por isso que Mané o quer entre os **"bravos crioulos"**.



“Não consigo largar a bola”

POR: KIM-ZÉ BRITO

- Armandim é uma referência no futebol cabo-verdiano. Podia fazer a sua auto-apresentação?

- Chamo-me Armando Caetano Soares, sou menino de São Vicente – nascido e criado –, formado em Educação Física em Cuba. Iniciei a minha carreira de futebol federado no Amarante em 1972, tendo jogado nesse clube até 1976. Depois houve um conflito com a direcção e fomos 19 jogadores que saíram diversos clubes. Em 1977-78 joguei pela Académica e acumulei a função de treinador de juniores. Foi nessa altura que aconteceu uma final entre o Mindelense e a Académica que ficou na história do futebol de S. Vicente. O árbitro resolveu dar oito minutos de tempo de compensação, quando, por norma, não ultrapassava os dois minutos. A Académica estava a vencer mas o Mindelense conseguiu empatar a partida e ganhar o título.

- Há quem entenda que o futebol cabo-verdiano já atingiu, nalguns clubes, o semi-profissionalismo. Tem também essa percepção?

- Não sei se já chegamos a esse nível. Diria que já atingimos o não-amadorismo. Neste momento, os principais jogadores são disputados pela Académica, o Mindelense, o Batuque e o Derby. Os outros clubes ficam à espera das “sobras” para constituírem o seu plantel.

- Ou seja, compensa ser um bom futebolista? O valor é estipulado pelo mercado?

- Não restam dúvidas. Actualmente, um bom jogador de futebol pode conquistar o seu suporte financeiro. Se for inteligente, ganha um emprego, a possibilidade de prosseguir os estudos e um apoio financeiro, enquanto continuar a jogar.

A tendência é o futebol caminhar para o profissionalismo. E tenho informações segundo as quais alguns jogadores e treinadores podem ser profissionalizados a partir da próxima época. Por regra, cada equipa poderá dispor de um determinado número de profissionais.

Um bom jogador pode pedir 400 contos para assinar por uma época, receber quinze a vinte contos mensais e ajuda na renda de casa. Se esse processo continuar o seu percurso natural, é normal passarmos a ter futebolistas profissionais em Cabo Verde.

- Onde os clubes vão buscar tanto dinheiro, se passam a vida a reclamar?

- Isso agora não sei responder, apesar de alguns clubes terem o apoio de empresários e de possuírem os seus próprios negócios. Eu só posso falar do Amarante, onde sou Coordenador-Técnico, e posso garantir-lhe que o Amarante costuma receber pequenas ajudas, nomeadamente da Câmara Municipal e da Direcção dos Desportos. Possui uma residencial e tenta obter os seus ganhos da gestão desse empreendimento.

- Quando um clube paga 400 contos somente a um jogador, sustenta o funcionamento da administração e dos técnicos, qual

a compensação que recebe quando ganha um campeonato?

- Se fossemos funcionar nessa perspectiva, ainda estávamos na estaca zero. Venci os campeonatos regional e nacional no Amarante e não recebemos um tostão, a não ser a taça e o nome inscrito na história do futebol. Há épocas em que os clubes podem ganhar pequenas quantias - trinta ou quarenta contos - mas são valores insignificantes.

“O Inter-ilhas não revelou craques”

- O futebol, como diz, já atingiu o não-amadorismo e caminha para o profissionalismo, mas considera que esse salto está a ser reflectido na qualidade do futebol cabo-verdiano?

- Acho que não. Há outros condicionantes em jogo. Se fizermos uma comparação com a minha época, acho que havia mais nomes, mais qualidade de futebol. Na altura havia muitos jogadores, era difícil fazer uma selecção. Dispomos de algumas figuras actualmente, mas falta qualidade. Prova concreta foi o Inter-ilhas: foi difícil ver um jogador a destacar-se. Alguns são conhecidos, temos uma ideia das suas potencialidades mas não sobressaíram muitas figuras, à excepção, na minha opinião, de Duquilha, Fock, Nilton. Ou seja, não vimos muitos craques por aí.

Entretanto, há mais condições para os futebolistas: campos relvados, treinadores formados, jogos todos os dias na televisão, prémios de jogos.

“Apostava o meu leite com o Bislac”

- Como foi possível desenvolverem a vossa capacidade técnica?

- Simples, advinha da nossa paixão pelo futebol. Posso falar-lhe de mim e do Bislac, pois éramos considerados dois dos melhores rematadores de S. Vicente. Treinávamos de manhã e, depois do treino, ficávamos a brincar com a bola. Apostávamos o nosso leite, em quem conseguia atingir a bola no poste, na barra, com maior ou menor intensidade. Graças a essa brincadeira, que era um treino específico, ganhámos um excelente poder de remate direccionado. E, quando regressávamos à nossa zona continuávamos a brincar com os nossos amigos, jogando golo-a-golo, cabeçada, rola, enfim, estávamos sempre em movimento.

Actualmente, o treino resume-se ao treino oficial, no campo. Tirando raras excepções, é isso que acontece, isto quando os jogadores aparecem nos treinos.

“Dupla jornada”

- Como conseguia conciliar as funções

de treinador e jogador?

- Com disciplina e muita dose de exigência, ingredientes que levaram os jogadores a mostrarem respeito por mim, mesmo os mais velhos. Basta dizer que a equipa do Canalim possuía bons jogadores, porque era constituído por atletas do Amarante e da Académica.

- A malta Canal é produto da equipa de Canalim?

- Somos dessa época. Canal continua sendo uma referência no escalão Veteranos. Acho que somos a equipa com mais jogadores que já foram internacionais em Cabo Verde; e muita gente está a pressionar-nos no sentido de criarmos os nossos Estatutos para podermos fazer ainda muito mais coisas pelo futebol, quiçá por outras modalidades.

- Acha que está a ocorrer um corte entre a antiga e actual gerações do futebol?

- Acho que sim. Se considerarmos as equipas federadas, concordo que isso esteja a passar porque o modo de vida das pessoas muda. O Amarante tem tentado trazer antigos jogadores para a vida desportiva mas tem deparado com alguma resistência. Por altura dos aniversários do Amarante, realizamos sempre um jogo-convívio com os antigos jogadores e, todos os anos, fala-se na necessidade dessa malta regressar. Mas isso morre no dia seguinte.

“Costumava imitar o andar de Patinha”

- O seu jeito de andar – meio pé-tesoura – é de nascença ou foi resultado das lesões?

- É parte da nascença mas evoluiu um bocado porque costumava imitar o andar de Patinha, jogador do Amarante, que era meu ídolo. Dizia às pessoas que eu era o Patinha. Quando fui para o Amarante ele ainda estava no clube. Joguei com ele nos treinos e ele apoiava-me, passava-me a bola e protegia-me das brigas dos jogadores mais velhos. Ainda hoje temos um bom relacionamento.

- Pertenceu à selecção de Cabo Verde. Como se sentiu quando foi escolhido?

- Na altura fiquei radiante. Era conhecido em S. Vicente mas nem tanto fora da ilha. Passei a ser conhecido na Praia quando fui participar em dois torneios - um deles organizado pela EMPA - como jogador da Académica. O treinador Toca convocou-me para a primeira selecção do Cabo

Verde independente. Foram jogadores de todas as ilhas para Santiago, fizemos a concentração no Tarrafal. Éramos muitos jogadores. De S. Vicente foram escolhidos o Jôn d'Julia, Cadino, Mane Djodje, Eu e o Calu Pitão. Fomos para a Guiné participar na Taça Amizade. Depois a Taça passou a ser chamada de Taça Amílcar Cabral.

Depois disso aconteceu um torneio internacional em Cabo Verde, com o Tchida como treinador. Mais tarde fui colocado na Boa Vista como monitor e não pude participar nas outras selecções. Feitas as contas, pertenci a duas selecções nacionais, sem falar de uma altura em que o Mindelense foi representar Cabo Verde em Angola, com o reforço de jogadores de outras equipas, e fui escolhido. Entretanto, fui também escolhido para integrar a selecção de basquetebol de Cabo Verde. Saía de um treino, ia para o outro.

Campeão, também, em andebol

- A vida desportiva do Armandim não é só futebol. Fez uma formação em andebol e continua ligado à modalidade. Fale-me um pouco desta outra faceta.

- Durante a minha formação em Cuba, escolhi o andebol como opção. Regressei em 86, desenvolvi um trabalho com a JAAC, como formador de treinadores e árbitros. Pelos vistos, o Kim-Zé participou nessas formações. Criei a equipa Académica d'O Alto - Alto Miramar - que depois transformou-se na Académica. Dei o meu apoio à equipa de Cruz João d'Évora e treinei a equipa feminina do Desportivo.

Fui jogador da selecção de S. Vicente mas, nessa altura, as equipas eram constituídas por alunos do liceu Ludgero Lima e da Escola Técnica. Nesse torneio participaram as selecções da Praia e de Angola, que estava numa digressão. Mas a minha primeira opção era o futebol, não dava para conciliar as duas coisas. Continuei ligado ao andebol mas somente a nível escolar.

- Entretanto, assume a equipa de andebol júnior do Amarante, que é bi-campeã de

**ARMANDIM SOARES,
segundo de pé,
da esquerda para a direita**





“**Treinávamos de manhã e, depois do treino, ficávamos a brincar com a bola. Apostávamos o nosso leite, em quem conseguia atingir a bola no poste, na barra, com maior ou menor intensidade.**”

S. Vicente.

- Há três anos atrás, a Escola Técnica foi convidada para entrar no campeonato júnior feminino e entrámos a vencer. No terceiro ano, a equipa entrou para as fileiras do Amaranthe e voltou a sagrar-se campeã regional de S. Vicente, no escalão júnior.

- Pensa continuar ligado ao andebol competitivo?

- Quero continuar mas ao nível das escolas, no escalão júnior.

- A sua ligação ao andebol não é tão profunda, em comparação com o futebol, mas queria saber que apreciação faz em relação ao estágio do andebol em S. Vicente.

- O andebol tem um problema grave em S. Vicente que é a falta de equipas e a planificação das competições. Quando as equipas estão em forma é que os campeonatos terminam. Fazendo uma comparação com quinze ou vinte anos atrás, diria que havia mais empenhamento porque havia as equipas dos bairros, como Chã de Alecrim, Madeiralzim, Cruz, Monte Sossego, Batuque... Havia muito empenhamento e os jogos atraíam muito público.

- Mas pensa que houve somente retrocessos no andebol?

- Não diria isso pois reconheço uma evolução ao nível tático. Já se vê algum fundo tático nas equipas, algum trabalho pensado dos treinadores. No meu tempo havia jogadores for-

tes, jogava-se bonito mas havia mais improvisado do que jogadas organizadas. Primávamos um bocado pelo espectáculo.

“A Micá não teve rival”

- A Taça Amílcar Cabral está a perder o seu fulgor e era uma das principais competições internacionais para Cabo Verde. Como vê essa situação?

- A Taça era importante para os jogadores residentes, uma oportunidade para ganharem experiência internacional. Estivemos oito anos sem inter-ilhas e a Taça Amílcar Cabral está num marasmo. Cabo Verde tem um treinador contratado e essas competições são importantes para fazer a sua própria avaliação dos jogadores.

- O técnico Ricardo Rocha seguiu a Taça Independência que decorreu em S. Vicente. Pensa que essa competição serviu para lhe abrir os horizontes?

- Claro que sim. Ele ficou com mais informação sobre o nível real do nosso futebol e quem são as promessas da nossa selecção. Tenho a impressão que temos mais jogadores que precisam dessa oportunidade de pertencerem à nossa selecção. É o caso do guarda-redes Fock mas compete ao seleccionador fazer a sua avaliação.

- Agora que fala de Fock, lembro-me do campeonato que a Académica do Mindelo

fez esta época. Na sua carreira, lembra-se de alguma equipa que tenha vencido o campeonato sem sofrer um gol?

- Acho que não. O treinador Bubista fez um excelente trabalho na Académica, que começou a fluir desde o ano passado. Infelizmente, a equipa teve algum problema no final da época passada, que lhe impediu de vencer o campeonato, na recta final. Este ano foi melhor. A Académica não teve rival no campeonato de S. Vicente. Temos de apoiar o Bubista, que é um treinador jovem e que está a fazer a sua formação. Entretanto, ele já começou a mostrar resultados. Isto prova que numa equipa com um treinador que enxerga mais longe os jogadores têm outra produtividade. A Académica, apesar de não ter mostrado todo o seu potencial, jogou melhor que o Sporting e só não ganhou porque o árbitro não quis.

- Para si, então, o penálti não existiu?

- Não, não existiu. Eu estava na bancada Sul, que era o sítio ideal para se acompanhar a jogada e, para mim, não houve penalidade. Além do mais, houve situações claras demonstrativas da tendência da arbitragem. Ocorreram duas situações claras de penalidade favorável à Académica, na primeira parte, e o árbitro fechou os olhos.

- Cabo Verde já aspira a uma presença na CAN e na Copa do Mundo. A nossa selecção fez uma boa campanha com o treinador Ale-

xandre Alinho. Acha que Cabo Verde está preparado para aspirar a um lugar no CAN e na Copa?

- O país está a esforçar-se neste sentido. Temos de ir devagar, há etapas a serem seguidas. A Federação está a fazer um excelente trabalho, a relação da FCF e FIFA é uma prova disso, possuímos um centro de estágio na Praia, já foi apresentado o projecto do centro de S. Vicente, enfim, as condições estão a surgir. Acho que podemos chegar lá. Quero apenas abrir um parêntese para dizer que, enquanto treinador, sempre acreditei que podíamos ganhar uma Taça Amílcar Cabral; e aconteceu.

- Qual a avaliação que faz do trabalho de Ricardo Rocha, como treinador nacional?

- Ele precisa ainda de mais tempo. Tem de ter tempo para conhecer a nossa realidade. Ricardo chegou e encontrou logo algumas competições à porta. Acho que ele terá usado jogadores apontados por outras pessoas.

- A sua vida vai ser eternamente ligada ao futebol?

- Não tenhas dúvida. Mas não só ao futebol, ao andebol também, pelo menos ao nível das escolas. Tenho tido problemas de saúde mas não consigo largar a bola. Se não estiver no activo procuro sempre alguma forma de estar ligado ao desporto. Tenho uma forte ligação com o Amaranthe, que considero ser um clube de família.



Atlético adverte sobre “compra” de basquetebolistas

A equipa de basquetebol Atlético do Mindelo, campeã regional de São Vicente, está a sentir na pele um fenómeno antes verificado apenas no futebol: a “compra” dos seus principais jogadores pelos seus adversários mais directos. Segundo José Lopes, presidente do Atlético, quatro dos seus principais basquetebolistas foram assediados pelo Mindelense e a Académica, deixando o plantel do clube bastante desfalcado. **“É um fenómeno novo no basquete de São Vicente. Esses atletas receberam propostas financeiras e acharam que deveriam aceitar. Mas essa situação visa desmembrar o nosso clube, que não dispõe de condições para competir com os nossos adversários, nesse campo”**, desabafo José Lopes, assegurando, no entanto, que o Atlético vai lutar para defender o título regional com toda a honra, disputando cada jogo.

Apesar do impacto dessa investida no plantel do Atlético, Lopes considera que esse assédio serve como incentivo aos basquetebolistas, no sentido de continuarem a aprimorar as suas capacidades técnicas. Ad-

verte, no entanto, que esse processo pode ser um pau de dois bicos, dependendo da forma como for utilizada e da sua continuidade no tempo.

Opinião parecida tem Odair Santos, ex-dirigente do Atlético e actual presidente da ARBSV, para quem os apoios que os clubes querem conceder aos atletas visam auxiliá-los basicamente no custo com a sua formação académica. **“Acho que isso valoriza os atletas”**, confessa Santos, que quer introduzir algumas mexidas na direcção da associação de basquetebol de São Vicente, fazer formação de árbitros e de pessoal de mesa e discutir com os clubes o modelo para o próximo campeonato.

Em princípio, a época competitiva arranca em Novembro com a realização de algumas provas, nomeadamente o torneio Dia do Desporto Cabo-verdiano, Taça de São Vicente e Torneio de Abertura. O campeonato sénior masculino deverá arrancar em Maio de 2008, com a participação das equipas da Académica, Cruz de João Évora, Atlético, Bela Vista e Mindelense, que substitui o Cruzeiros.

Kim-Zé Brito

TÍTULOS E INFRAESTRUTURAS

GILÉVORA



Os resultados alcançados pelas modalidades de salão em Cabo Verde devem no actual contexto do nosso desporto, ser considerados como resultados dignos de mérito. As proezas conseguidas pelo basquetebol, pelo boxe, pela ginástica rítmica, pelo taekow-do, etc devem ser analisados sempre á luz das condições físicas existentes para o desenvolvimento das suas actividades. Apesar do nosso amadorismo no dirigismo desportivo, do esforço titânico de vários dirigentes desportivos para a sobrevivência das suas equipas, da abnegação dos nossos atletas amadores, pode-se dizer que no que se refere ás condições físicas para a prática das referidas modalidades ainda estamos com os pés bem “**fincados**” no terceiro-mundo. O país em geral e a capital em particular continuam a padecer de uma ausência gritante de infraestruturas desportivas que não têm explicação possível num país com mais de 30 anos de independência. Conscientes de que num país de fracos recursos económicos como o nosso, as prioridades são outras e por isso o desporto (e a cultura) serão sempre parentes pobres num orçamento geral do estado, isso no entanto não explica tudo. Sim, podemos falar de uma ausência de política de infra-estruturação desportiva o que não deixa de inibir o aparecimento de atletas, clubes e por consequência o próprio desenvolvimento das modalidades. Ausência de politica governamental e particularmente ausência de politica municipal. Se tirarmos duas honrosas excepções (S.Vicente e Boavista), o país inteiro padece de condições mínimas para a prática das modalidades de salão. Mas sem dúvida nenhuma que o caso mais gritante é a capital. Olhando ao nosso redor, chegamos à triste constatação de que para uma população de perto de 100.000 habitantes possuímos apenas um Pavilhão digno desse nome. O Vavá Duarte, construído em 1984, há muito que está rebentando pelas costuras e não se vislumbra no médio prazo qualquer ideia de construção de um outro pavilhão. Actualmente este pavilhão serve todas as modalidades de salão que se desenvolvem na capital, serve também todas as seitas religiosas que entendem ser aí o sítio ideal para as suas reuniões, serve todos os desfiles de misses, todos os espectáculos musicais, etc, etc. e daí o

seu estado de conservação deixar muito a desejar. Mas pergunta-se porquê é que todos os caminhos vão dar ao Vavá Duarte? Precisamente porque a nível municipal nunca houve uma tentativa de se desenvolver nos principais subúrbios da capital, pavilhões com um mínimo de condições para o desenvolvimento das modalidades de salão. Habitúamo-nos a contentar-nos com umas simples placas desportivas que longe de traduzirem uma política de infra-estruturação dos bairros, têm funcionado mais como instrumento da caça ao voto e condição básica das políticas eleitoralistas municipais. As referidas placas desportivas, tirando o “**futebolinho**”, não conseguem servir nenhuma modalidade de salão, não representam nenhuma alternativa ao Vavá Duarte e a consequência lógica e natural tem sido a sua degradação contínua. Muitas delas deixam mesmo de funcionar 6 meses após a sua inauguração. Olhemos ao nosso redor para o Bairro Craveiro Lopes, Djon Pitata na Achadinha, Lém-Ferreira, Ponta d'Água, Vilanova, etc. e digam lá quais dessas placas desportivas estão hoje em condições de receber um jogo de salão por mais amigável que ele seja?! A Achada de Sto. António, o bairro mais populoso da capital, centro nevrálgico e viveiro dos melhores atletas do país, não possui um único polidesportivo, e isso diz tudo sobre a (ausência de política) de infra-estruturação desportiva no país. O país desportivo começa a habituar-se a exigir títulos e lugares no pódio. Seria interessante em primeiro lugar começar por saber quais são as condições físicas em que os nossos atletas e as equipas trabalham, como as federações sobrevivem e facilmente chegaremos à conclusão de que não podemos querer subir ao pódio quando ainda não possuímos nem infraestruturas dignas desse nome.



O país em geral e a capital em particular continuam a padecer de uma ausência gritante de infraestruturas desportivas que não têm explicação possível num país com mais de 30 anos de independência.

João do Rosário Lima (Zázá), presidente da Associação Regional de Futebol de Santo Antão, diz-se preparado para enfrentar os novos desafios, sobretudo quando se trata de dar mais prestígio ao futebol e aos atletas, de Porto Novo.

ARFSA, zona sul, tem novo presidente



Apesar de ter encontrado uma associação **"de rastos"**, Zázá acredita que pode inverter a situação. Mas para isso precisa resolver os problemas que encontrou, nomeadamente a questão das dívidas às entidades, árbitros e particulares, que têm de ser pagas o mais rapidamente possível, uma vez que essa situação cria alguns constrangimentos à associação. Um outro problema que, segundo o presidente, dificulta o trabalho da sua equipa, é o estatuto actualmente em vigor. No dizer deste dirigente é um estatuto que não serve Porto Novo. **"É preciso criar um estatuto mais flexível, com menos regras e menos órgãos e que responda aos problemas do futebol neste município"**.

Com o início da nova época à porta, Zázá adianta que ainda não pode precisar a data para o arranque do campeonato em Porto Novo.

Um campeonato diferente dos anos anteriores já que terá, em princípio, sete equipas federadas a disputar o título de campeão de Santo Antão, zona sul. O aumento do número de clubes federados originou novos constrangimentos, no que diz respeito a campos de treino. A solução passou por utilizar os campos de **"fralda"** cedidos pela Câmara Municipal do Porto Novo, que

Zázá vê como um bom parceiro do desporto no município. Apesar das dificuldades, Porto Novo terá campeonatos em diferentes escalões, nomeadamente sénior, sub-17, sub-15, futsal e no futebol feminino.

Questionado sobre a proposta de reforma do quadro competitivo do futebol nacional, apresentado pela Federação Cabo-verdiana de Futebol (FCF), o presidente da ARFSA não tem dúvidas em afirmar que é uma proposta que só favorece os chamados **"grandes"**. Acrescenta, ainda, que é inconcebível que a FCF fale em 10 equipas para o 1º escalão quando temos 11 regiões desportivas. **"Há uma grande injustiça. Como é possível Santiago e Maio, que têm três regiões desportivas, apresentarem três clubes e Santo Antão, S. Vicente e S. Nicolau, que totalizam quatro regiões desportivas, só poderem apresentar três clubes? Queremos saber em quê é que se basearam para definirem os critérios"**. Zázá não concorda a jogar **play-off** para apurar um campeão quando a ilha tem duas regiões desportivas, as mesmas que a ilha de Santiago que pode apresentar dois clubes no 1º escalão. Promete lutar e recorrer às instâncias internacionais, se for pre-

ciso, para que haja mais igualdade e transparência dentro da FCF. Um outro assunto que esse dirigente irá levar para a Assembleia-geral da FCF tem a ver com o financiamento de clubes por parte das empresas de capital público. Zázá é de opinião que se essas empresas quiserem ajudar o futebol em Cabo Verde devem fazê-lo, sim, mas através da FCF para que todos os clubes possam beneficiar do apoio. **"Não faz sentido que uma empresa de capital público financie um único clube de futebol com milhares de contos, em detrimento de outros. A forma de financiamento dos clubes desportivos tem que ser mais transparente"**.

Transparência que, segundo Zázá, não existe em relação à distribuição das receitas do totoloto. É preciso criar uma instituição para gerir os dividendos. **"Tem de ser regulamentada. Pode até ser que esteja sendo bem empregue mas não sabemos como"**.

Zázá afirma que tudo irá fazer para estar presente na Assembleia-geral da FCF e apela a todas as associações, principalmente as ditas **"mais pequenas"** para fazerem o mesmo. Para uma maior justiça. Para o bem do futebol. Para o bem de Cabo Verde. RLM

SÃO NICOLAU

RECEBE FESTIVIDADES DO DIA DO DESPORTO

"Mais prática, melhor desporto" é o lema que acompanha a programação do Dia do Desporto Cabo-Verdiano, que decorre entre 9 e 12 de Novembro próximo. Estes ano as festividades terão como palco o concelho do Tarrafal, na ilha de São Nicolau.

Habitualmente comemorado no segundo domingo do mês de Novembro, este ano um dos principais destaques do Dia do Desporto Cabo-Verdiano é a realização de uma Gala do Desporto para homenagear e premiar os campeões da época desportiva 2006/7, nas diversas modalidades desportivas: futebol, andebol, basquetebol, voleibol, atletismo...

Estão ainda calendarizadas, no âmbito das comemorações do Dia do Desporto Cabo-verdiano, provas nacionais de atletismo e de ciclismo em São Nicolau, para além de outras actividades desportivas em toda a ilha de Chiquinho.



FOGO

VALÊNCIA QUER VENCER A SEGUNDA DIVISÃO

Levar a equipa do Valência à primeira divisão, vencer a Taça Fogo e dar arranque aos seniores sub15 e sub17 são os desafios que a equipa de Valência se lança a si própria para este ano desportivo, anunciou o seu presidente João Marcelino, o "Borja".

Fundado em São Filipe, ilha do Fogo, a 10 de Junho de 2000, o Valência surgiu de um grupo jovem que se entretinha com a bola nas ribeiras da cidade. Acreditando no brio e interesse desses jovens e perspectivando o seu enquadramento no contexto futebolístico na ilha, surge o Valência, que começou a disputar o campeonato no escalão sénior não-federado, onde por quatro vezes se sagra campeão.

No ano passado, o Valência perdeu o campeonato da segunda divisão para o seu adversário Grito Povo, no último minuto do jogo, quando ce-

deu o empate, a um golo. Mas para este ano o Valência pretende levar este campeonato mesmo a sério, pensando já na formação de uma equipa aguerrida, forte, batalhadora e capaz de ultrapassar qualquer obstáculo que encontre pela frente.

Considerada uma das equipas mais fortes da segunda divisão do Fogo, este ano já conseguiu alguns reforços de peso que a ajudarão a concretizar os seus objectivos. O Valência também aposta em outras modalidades como o futsal e voleibol.

No capítulo do patrocínio, a direcção acredita que terá um forte apoio das instituições a que já se dirigiu para o efeito. No ano passado, foi graças a pessoas individuais, como os médicos Marcos Valienti, Pierluggi Seimedy e Azevedo Baptista que pôde participar no campeonato.

NMC

SÃO VICENTE

SEGUNDA DIVISÃO PARA ESTA ÉPOCA

O futebol federado de S. Vicente poderá integrar um segundo escalão, figurino há muito defendido no seio dos amantes da modalidade. Cinco equipas deverão integrar esse nível e disputar uma subida para o escalão principal, que comporta, neste momento, os oito clubes tradicionais: Mindelense, Académica, Batuque, Amarante, Castilho, Derby, Ribeira Bote e Falcões.

Com a escolha da segunda divisão, fica aberta a possibilidade de um clube, pelo menos, cair do escalão principal para o segundo. No entanto, nem todos os aspectos dessa inovação que a ARFSV pretende introduzir estão afinados, pois, segundo Lance apurou, os actuais clubes federados ainda não fizeram um pronunciamento definitivo sobre as vantagens e implicações dessa medida. Em princípio as equipas do Corinthians, São Pedro, Calhau,

Ponta d'Pom e Salamanca deverão integrar o segundo escalão.

O calendário de actividades da ARFSV começa esta época com a realização de alguns torneios de preparação, logo no mês de Outubro, a disputa da Taça ARFSV, com início em Novembro, e da Super Taça, em Dezembro. O campeonato Sogei começa a 8 de Dezembro e serão ainda realizadas outras provas, como a Taça S. Vicente em masculino e feminino, os campeonatos de futebol de praia e de futsal, além de provas ao nível dos Veteranos.

KzB

ABADA CAPOEIRA LANÇA WEB SITE

O grupo Abada Capoeira Cabo Verde inaugurou na última segunda-feira, 1, o primeiro site dedicado exclusivamente à capoeira no país. Este web site, segundo António Marques, mais conhecido por graduado Patcha, tem por objectivo divulgar a capoeira, mas é também um meio para comunicar com praticantes de outras ilhas e do exterior.

O endereço do site é www.abadacapoeiracv.com. Nele é possível encontrar informações sobre a capoeira, a sua filosofia, história e ainda vários links sobre o Abada Capoeira no mundo, mais precisamente no Brasil, Portugal, Japão, Alemanha, Suécia e França, e ainda dos grandes mestres que praticam esta modalidade, nomeadamente dos mestres Camisa e Canguru, do professor Montanha e do Centro Educacional Mestre Bimba, do Brasil.

A Abada Capoeira, lembra Patcha, é uma das maiores divulgadoras desta modalidade, tanto no Brasil quanto no exterior, realizando cursos, seminários, palestras e projectos. Actualmente, possui

representação efectiva em todos os estados brasileiros e 30 países. "A Abada - Capoeira entende a capoeira como uma arte interdisciplinar que engloba vários aspectos desportivos, culturais, marciais e artísticos", lê-se no site do Abada CV.

Em Cabo Verde, o grupo está presente em São Vicente (Graduado Patcha), Sal (Macana Branco), Boa Vista (Dumbo) e Santiago (Bujão). As actividades da Abada-Capoeira estão fundamentadas em ensinamentos do Mestre Bimba (Brasil) e na Capoeira de Angola. "Na preservação da tradição, fundamento, evolução técnica, no cuidado e zelo na confecção dos instrumentos e uniforme, aprimoramento técnico, respeito mútuo no trabalho básico do aprendizado, no desequilíbrio, na rapidez de raciocínio, na neutralização dos ataques por meio de esquivas, velocidade e eficiência, e principalmente, pela união dos componentes da ABADÁ", revela o site web Abada CV. CP

BRAVA

FORMAÇÃO DE ÁRBITROS
CONDICIONA ÉPOCA DESPORTIVA

O atraso no início da formação dos árbitros na ilha Brava pela federação Cabo-verdiana de Futebol (FCF) condiciona o arranque desportivo 2007/2008, previsto para o início deste mês. O alarme é dado pelo presidente da Associação regional de Futebol da Brava, António Carlos Pina.

Para este dirigente desportivo, a situação **"é preocupante"** porque a não realização desta formação compromete automaticamente as provas que estão agendadas, nomeadamente a Taça Brava, Torneio de Abertura e Campeonato Regional. Daí a ARFB esperar que a FCF disponibilize as verbas necessárias para formar os árbitros da Brava.

Com a formação de novos árbitros, num total de 30 já inscritos, poderão cessar algumas críticas, reais e com razão de ser, à má arbitragem registada nas provas regionais. No ano passado a Associação trabalhou com quatro árbitros, uma situação já bastante complicada, mas este ano o cenário apresenta-se ainda pior quando se sabe que só dois árbitros estão disponíveis para apitar os jogos. Esta é uma situação que não só preocupa a Associação, mas também os desportistas, amantes do futebol e clubes de futebol na ilha da Brava.

Para o arranque da época desportiva, que devia acontecer no início deste mês, a ARFB conta com a parceria da FCF e Câmara Municipal da Brava. No programa constam campeonato de futsal entre as equipas federadas e não-

federadas e o Torneio de Abertura, com as seis equipas federadas – Académica, Benfica, Coroa, Nô Pintcha e Morabeza.

O principal problema com que a ARFB se depara, neste momento, é a falta de árbitros e a má organização dos clubes, assegura António Carlos Pina. Este responsável máximo do futebol na Brava classificou como **"extremamente positiva"** a época futebolística 2006/2007: um bom nível de futebol, a adesão do público, maugrado alguns casos de indisciplina por parte de alguns

clubes, simpatizantes e dirigentes. Pina perspectiva uma época desportiva cheia de sucessos desde que os clubes colaborem, é claro, remata. NMC



SANTIAGO SUL

JUCA É O GESTOR DO
REMODELADO ESTÁDIO DA ASA

Juca foi indigitado pela Câmara Municipal da Praia para gerir o Estádio do Sucupira, na Achada de Santo António. De acordo com o ex-jogador e treinador, a população da Achada de Santo António deve estar ciente de que a infra-estrutura pertence aos **"municípios, de uma forma geral, estejam eles organizados em equipas ou em grupos informais. Todos terão a oportunidade de jogar no estádio, mas a prioridade vai para os clubes federados e escolas de futebol"**.

O estádio, requalificado recentemente com a implantação de relva sintética e que, ainda este mês, receberá bancadas, terá um regulamento de utilização direccionado para os clubes, escolas de futebol, estabelecimentos de ensino e associações comunitárias de todos os pontos do concelho da Praia.

O preço de utilização do estádio para treinos e jogos, assegurou Juca, será acessível a todos: **"o Centro de Estágios pratica uma tarifa de 3 mil escudos por hora, mas pretendemos cobrar mil escudos por cada hora de treino; no entanto, para aqueles que não conseguem pagar essa taxa, que quanto a nós é irrisória, haverá outras formas de negociação"**.

SANTIAGO NORTE

TARRAFAL COM NOVO ESTÁDIO MUNICIPAL JÁ EM JANEIRO

O Tarrafal de Santiago vai ter um estádio de futebol, com relva sintética, já a partir do próximo mês de Janeiro. Orçado em cerca de 100 mil contos, o Estádio Municipal do Tarrafal terá bancadas, balneários e um relvado sintético para a prática do futebol.

De acordo com o presidente da Câmara Municipal do Tarrafal, João Domingos Correia, o processo de implantação da relva sintética deve arrancar ainda este ano. Depois da construção do estádio, a CMT vai construir um polidesportivo coberto: **"a infra-estrutura desportiva deverá situar-se entre a Vila do Mangui e o Chão Bom, para servir as duas comunidades e emprestar dinâmica desportiva ao concelho"**.



FCA quer descentralizar nacionais de andebol

A Federação Cabo-verdiana de Andebol pretende implementar um novo modelo na disputa dos campeonatos nacionais. No essencial, a FCA quer descentralizar as provas e evitar a actual situação em que todos os clubes campeões durante uma semana ou dez dias se concentram numa única ilha. Esse aspecto, segundo a presidente da FCA, provoca uma pressão excessiva na organização, custos elevados com o alojamento e transporte, além de originar problemas de dispensa do trabalho aos atletas que vão participar nos jogos.

“Mesmo os atletas residentes na ilha onde decorre o nacional enfrentam o problema ligados à dispensa porque são muitos dias consecutivos”, sublinha Filú Fortes, responsável da FCA, que já enviou a todas as associações um documento para se pronunciarem sobre as mudanças a serem introduzidas no figurino

dos campeonatos nacionais. Resta agora saber até que ponto os clubes podem assumir determinados encargos, quando já enfrentam despesas insustentáveis com o aluguer de campos de treino, equipamentos, bolas...

Segundo Filú, o assunto foi lançado a debate durante um fórum sobre o andebol, realizado na cidade da Praia, na sequência da última prova nacional. **“Nesse encontro foi analisada a necessidade dos clubes e associações passarem a participar nas despesas dos campeonatos e não deixarem todos os encargos nos ombros da federação. Já enviamos uma proposta às associações para se pronunciarem oficialmente sobre a matéria”,** assegura a presidente da FCA, que defende a introdução de mudanças imediatas, capazes de melhorarem a performance da modalidade, em Cabo Verde.

Uma das preocupa-

ções da actual direcção da FCA é estimular a atenção dos clubes para os escalões juniores, especialmente a nível masculino. Isto porque o plano da FCA é ver Cabo Verde representado nos próximos Jogos da CPLP, no Brasil, com uma selecção de andebol júnior masculino. Para tal, Filú estimula os clubes a contactarem os liceus, que como bons viveiros que são, poderão disponibilizar atletas a esse nível. **“Gostaria de ver uma selecção de Cabo Verde representativa de todas as ilhas. Mas isso vai depender da capacidade de organização das associações e dos clubes”,** alega a presidente da FCA.

Este ano, a FCA tenciona fazer justiça na atribuição dos apoios financeiros às associações. A ideia será disponibilizar meios na proporção directa às actividades constantes do plano bem como do número de clubes envolvidos.

KzB



opinião

EMANUEL C. D'OLIVEIRA

VENTOS DE MUDANÇA NO FUTEBOL E NO DESPORTO?

Sempre disse que tiraria o chapéu a quem implementasse o modelo adequado de campeonato nos jogos desportivos em Cabo Verde, desse a volta ao estatuto das federações e implementasse a prática juvenil. Os sinais de mudança vêm soprando do lado do futebol onde já se fala da criação de uma nova divisão ou liga de equipas para participarem num **“novo”** modelo que não é outra coisa senão o modelo adequado à modalidade. Na verdade andámos teimosamente às voltas com os jogos desportivos colectivos (andebol, basquetebol, voleibol e futebol) com altos e baixos, sem garantir uma evolução consistente e duradoura provocada pela ausência de um quadro competitivo normal e fraca participação dos clubes nas decisões federativas.

O desporto de rendimento, como prática selectiva por excelência, exige a eliminação ou afastamento dos menos dotados, dos mais fracos. Não se pode **“socializar”** o desporto de rendimento sem prejuízos. Não se pode manipular um campeonato por razões políticas e administrativas (regionalização do desporto, p.ex), por restrições financeiras e incultura dos dirigentes para depois clamar por resultados e bradar aos quatro ventos que estamos a caminho da copa do mundo e dos Jogos Olímpicos quando nos falta ainda passar pela África depois de consolidar a prática em casa. É preciso muito mais, mas sobretudo trabalhar com modelos que já deram provas, planificar, organizar, saber para onde vamos ou onde poderemos estar daqui a quatro, oito e doze anos. Pois, quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve...

Perdemos várias oportunidades de organizar o desporto nacional com suporte técnico e científico, tudo por imposição da classe política que não consegue moldar as suas decisões aos imperativos técnicos, acontecendo sempre o contrário. Em 75 havia a atenuante do início da caminhada, em 86, com ministério próprio, aconteceu o carnaval da criação das federações pelo governo e nomeação dos respectivos elementos, em 91 com a abertura política nada mudou, pois se a cor era diferente o cheiro e a massa eram os mesmos.

O que conta é que hoje, mesmo com um desmedido atraso, já se fala na adequação do campeonato da maior modalidade desportiva do país. Mudança que transcende o futebol, pois deverá arrastar os outros desportos colectivos. O andebol também vem trabalhando na implementação de um modelo de campeonato com real inclinação para o rendimento. Anos atrás o basquetebol esboçou um gesto de mudança. Significa isso que estamos em tempos de mudança? Oxalá que sim. Cobiçar e alcançar a alta competição obriga a uma prática de melhor qualidade, maior quantidade e intensidade, ingredientes deficitários, por agora, na nossa rotina desportiva.

O desmame (termo clínico) é penoso e por vezes complicado mas sempre necessário. Em nome da evolução todos devem contribuir, participar e sacrificar. Dos clubes espera-se a compreensão e aceitação do modelo próprio, devem também compreender que para evoluírem e entrar para a corrente de facturação desportiva e financeira deverão deixar de ser

O desporto de rendimento, como prática selectiva por excelência, exige a eliminação ou afastamento dos menos dotados, dos mais fracos. Não se pode “socializar” o desporto de rendimento sem prejuízos.

subsidiados pelo estado nos seus compromissos desportivos básicos (torneio final do campeonato nacional p. ex). Ao fim e ao cabo, são de natureza privada e a fazenda pública tem compromissos imperiosos com a sociedade em geral.

Não custa pouco realizar a mudança em questão. Envolve mais dinheiro, exige mais esforço, obriga a muito sacrifício, impõe cortes com o passado, com a tradição, etc. As mudanças suscitam sempre reacções contrárias, daí que faço votos que a FCF seja persistente na prossecução deste objectivo e que tenha sucesso.

O chapéu, contudo, continuo sem tirar porque tudo indica que a mudança está sendo **“sugerida”** de fora para dentro e ainda falta a implementação ou valorização das camadas promocionais e a **“democratização”** do associativismo desportivo.

Vasquianos inaugura “Escola Nando”

A associação desportiva e recreativa Vasquianos conseguiu realizar o sonho de abrir uma escola de futebol infanto-juvenil em S. Vicente, destinada a crianças de ambos os sexos, dos seis aos catorze anos de idade. Desde o dia 22 de Setembro que oitenta crianças, subdivididas em quatro escalões, andam a receber aulas no campo da Bela Vista, ministradas por quatro monitores, aos sábados e domingos.

Com essa iniciativa, segundo Manuel Conceição, o Vasquianos – clube com referência no escalão dos Veteranos – pretende criar condições para constituir a sua própria equipa federada e entrar no campeonato oficial. **“Pretendemos a médio-longo prazo potenciar talentos desportivos de Bela Vista e de toda a ilha, neste local que vai ser dotado de excelentes condições materiais, logísticas e pedagógicas, com técnicos qualificados”**, afirmou Contche, presidente dos Vasquianos, na cerimónia de inauguração da escola, que foi baptizada com o cognome do internacional cabo-verdiano Nando, um impulsionador do desporto na Bela Vista.

O projecto, acrescenta Contche, teve pernas para andar graças a um apoio de duzentos contos concedido pela Câmara Municipal de S. Vicente. Contudo, para o ex-



futebolista do Mindelense, esse apoio ainda é insuficiente para manter as aulas em funcionamento. Por este motivo, a direcção do Vasquianos tenciona pedir aos pais dos alu-

nos uma **“participação simbólica”** nas despesas da escola.

Como associação desportiva e recreativa, Vasquianos tem mantido uma relação

estreita com a comunidade da Bela Vista, em especial com a escola primária da localidade.

KzB

regras do jogo

MANUEL DUARTE*



ASSISTÊNCIA A JOGADORES LESADOS

– Conforme directrizes suplementares do IFA Board –

⇒ No caso de lesão de um jogador, o árbitro deve seguir as seguintes instruções:

⇒ Deixar o jogo prosseguir se, no seu entender, um jogador está ligeiramente lesionado.

⇒ Parar o jogo se entender que um jogador está seriamente lesionado.

⇒ Após interrogar o jogador lesionado, se este necessita de assistência, autoriza um ou dois elementos da equipa médica a penetrar no terreno de jogo para avaliar o tipo de lesão do jogador e procederem rapidamente a sua retirada do terreno com toda a segurança.

⇒ Os maqueiros deverão penetrar no terreno de jogo com uma maca ao mesmo tempo que a equipa médica, para permitir a saída do jogador o mais rápido possível.

⇒ O árbitro deve cuidar para que o jogador lesionado seja transportado para fora do terreno com toda a segurança.

⇒ O jogador lesionado não está autorizado a ser tratado dentro do terreno de jogo.

⇒ Um jogador que tenha uma ferida a sangrar deve sair do terreno de jogo e não poderá regressar sem receber um sinal de autorização do árbitro depois deste se ter assegurado que a hemorragia parou. Um jogador não

pode usar roupa manchada de sangue.

⇒ Desde que o árbitro autorize a equipa médica a entrar no terreno de jogo, o jogador tem de sair, seja em maca, seja pelo seu próprio pé. Se o jogador não respeita a instrução do árbitro deverá ser advertido por comportamento anti-desportivo.

⇒ O jogador lesionado só poderá entrar no terreno de jogo, depois do jogo ter recomeçado.

⇒ Quando a bola está em jogo, o jogador lesionado poderá ingressar novamente no terreno de jogo, mas só o poderá fazer pela linha lateral. Quando a bola não está em jogo o jogador lesionado pode entrar por qualquer das linhas que limitam o terreno de jogo.

⇒ Apenas o árbitro poderá autorizar o jogador lesionado a reentrar no terreno de jogo, quer a bola esteja em jogo quer não esteja.

⇒ Se o jogo não for interrompido por qualquer outra razão, ou se a lesão sofrida pelo jogador não foi em resultado de uma infracção às leis de jogo, o árbitro recomençará o jogo com execução de um lançamento de bola ao solo.

⇒ O árbitro deve compensar todo o tempo perdido devido a lesão no final de cada período de jogo.

Quando a bola está em jogo, o jogador lesionado poderá ingressar novamente no terreno de jogo, mas só o poderá fazer pela linha lateral.

EXCEPÇÕES

Estas regras admitem apenas as seguintes excepções:

- ⇒ Lesão do guarda-redes.
- ⇒ Choque entre guarda-redes e um jogador de campo, necessitando de cuidados imediatos.
- ⇒ Lesões graves como engolir a língua, uma comção cerebral, uma perna partida, etc.

O objectivo destas instruções é o de facultar conhecimentos suplementares aos agentes desportivos, no sentido de contribuírem da melhor forma para o bom desenrolar dos jogos de futebol. * *Instrutor de Árbitro da FCF*

Parker

faz pausa de dois anos na selecção da França

O basquetebolista Tony Parker anunciou que vai fazer uma pausa de dois anos na selecção francesa para se dedicar de corpo e alma aos San Antonio Spurs. Esta decisão foi tomada após uma conversa com o treinador dos Spurs, Gregg Popovich.

“Conversei com Pop (Popovich) sobre o último

Campeonato da Europa. Ele foi claro ao dizer que não quer ver-me na selecção. Quer que eu descanse para as próximas temporadas. No entanto, ele não se opôs à minha participação no Campeonato Europeu de 2009. Significa que vou ficar afastado da França por dois anos”, revelou Pa-

rker que só deverá voltar a jogar pela selecção gaulesa dentro de dois anos.

Tony Parker é a grande figura da selecção francesa, mas não conseguiu levar a França além do 8º lugar no Campeonato da Europa deste ano, deixando a equipa fora dos Jogos Olímpicos de Pequim.



Por: HUMBERTO ÉVORA*

MOTIVAÇÃO PARA TREINAR, MOTIVAÇÃO PARA CONTINUAR

De entre as várias competições desportivas a que dei apoio médico em Macau, faço especial referência ao **Action Asia Challenge Macau**. Esta interessante modalidade desportiva, que Macau teve o privilégio de acolher, constituiu para mim um viveiro privilegiado para observar os seus participantes.

O **Action Asia Challenge Macau** é uma prova multidisciplinar de longa duração e com um elevado grau de exigência física e psicológica. Para participar, tem que se estar bem preparado em três modalidades básicas de características aeróbicas e de endurance: a *corrida de fundo*, o *ciclismo* e a *natação* (revela algumas semelhanças com o Triatlo).

Esta modalidade, que contém percursos ingratos e imprevisíveis, incluindo terrenos rochosos e mar, requer também força, coragem, determinação e espírito de equipa.

Os atletas têm obrigatoriamente que estar equipados com protecção adicional que é fornecida e meticulosamente inspeccionada pela organização, pois a prova envolve alguns riscos derivados do percurso acidentado com subidas e descidas.

No dia da prova, cerca de uma hora antes do seu início, enquanto eu participava na coordenação e distribuição do pessoal ligado ao apoio médico, e distribuição dos veículos de emergência para pontos estratégicos do percurso, observava os participantes inscritos à medida que iam chegando em pequenos grupos.

O que tornava interessante esta observação? Eram centenas de atletas que se moviam e se entrecruzavam em rituais típicos de aquecimento, a par e passo com as galhofas entre amigos e conhecidos. Era uma diversidade de atletas inscritos, num cocktail de gentes de Macau, Portugal, Hong Kong, China, Singapura, etc, e de numerosos outros estrangeiros residentes nos diversos países da Ásia.

Em pequenos grupos que abrangiam homens e mulhe-

res de várias idades, iam trocando impressões, podendo-se ouvir uma sinfonia de línguas, envolvendo o português, cantonês, mandarim, inglês, etc. Todos diferentes, mas, no fundo, todos iguais.

Todos unidos pelo mesmo ideal, o de fomentar a amizade e a solidariedade, que só por si é suficiente para justificar o valor positivo que o desporto possui, bem acima do patamar desenhado pelas barreiras das raças, línguas ou culturas. Estou convencido de que a maioria dos atletas aí estavam prontos a participar por motivos que iam além do mero prémio material.

Cada rosto era um palco de emoções. Transparecia, à mistura com a personalidade própria de cada atleta participante, algum nervosismo derivado da ânsia pré-competitiva.

Quase se sentia a adrenalina que ia entrando na corrente sanguínea dos atletas, a qual iria ter a importante função de transportar o precioso oxigénio e substâncias nutritivas ao aparelho locomotor dos atletas que, a curto prazo, iria entrar em acção na dura prova. Mas, ao invés do que possa parecer, a esmagadora maioria dos participantes não eram atletas profissionais. Eram pessoas que têm uma rotina de trabalho em suas vidas e que têm procurado encontrar algum tempo para se treinarem e se prepararem para a competição.

Mas, o que as motiva a treinar? O que as motiva a participar nas provas?

A explicação, não sendo linear, é, no meu ponto de vista, essencialmente conjuntural.

Massificação do desporto

A par da psico-fisiológica necessidade do movimento, a massificação da prática desportiva que se observa é, em parte, devida ao reconhecimento dos seus efeitos benéficos na nossa saúde. De facto, nas últimas duas ou três

Cada rosto era um palco de emoções.

Transparecia, à mistura com a personalidade própria de cada atleta participante, algum nervosismo derivado da ânsia pré-competitiva.

décadas verificou-se um incremento substancial no número de praticantes desportivos e de organizações populares do habitualmente denominado **“desporto para todos”**. A motivação que leva o indivíduo a exercitar-se resulta de uma conjugação do vasto **“input”** informativo sobre a matéria de que hoje facilmente dispomos, do gosto natural pela actividade física e dos benefícios específicos que cada um deseja obter, nomeadamente para a redução da gordura corporal, do incremento da capacidade aeróbica ou cardiovascular, da musculação, do alívio do stress, objectivos estéticos, etc, etc.

Seja qual for ela, a motivação que nos leva a praticar exercícios físicos não é, contudo, **“uma chama que arde sem se ver”** e que, uma vez acesa, nunca se apagará. É, no meu conceito, uma chama que se apaga com facilidade, se não for alimentada.

E um bom estímulo para mantermos a regularidade é o de conseguir com que haja várias competições ou provas periodicamente organizadas, diversificadas e com graus de exigências diferentes, a fim de abrangerem um leque mais alargado de praticantes. A participação regular nas competições, seja de que natureza for, ajuda-nos a manter a motivação de treinar.

Formado em Medicina Desportiva

BCN Auto

Taxa e
condições
Competitivas



Seu financiamento ligeiro a todo terreno!

EM QUE CONSISTE?

É um crédito para aquisição de viaturas ligeiras e todo terreno.

PRAZO:

Máximo: 60 meses.

VANTAGENS:

Taxa competitiva;
Acesso imediato à propriedade do veículo;
Prestações constantes das mais baixas do mercado;
Rapidez na resposta ao seu pedido de crédito;
Acesso a condições especiais de protocolos assinados com concessionárias.

Para mais informações contactar os Balcões do BCN.

